



**“Bicha preta, pobre e afetada? Aqui não, hein?!” – Corpo e identidade
homossexual na revista gay A capa¹**

Tiago SANT’ANA²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia

RESUMO

Este texto é o primeiro trabalho de um projeto de pesquisa maior que visa estudar a produção de imagens identitárias em revistas gays brasileiras. Com base na teoria *queer* e nos Estudos Culturais, tentamos perceber a padronização da imagem do homossexual brasileiro executada na mídia brasileira. E questionamos isso à luz da idéia de indivíduo fragmentado e do fator de exclusão de outras identidades não-hegemônicas. Neste escrito, analisamos mais enfaticamente publicações da revista gay A capa - que reforçam a imagem do gay branco, rico e com comportamento heteronormativo.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; corpo; homossexualidade; Revista A capa

INTRODUÇÃO

Este texto é o primeiro trabalho de um projeto de pesquisa maior que visa estudar a produção de imagens identitárias em revistas gays brasileiras. Com base na teoria *queer* e nos Estudos Culturais, tentamos perceber a padronização da imagem do homossexual brasileiro executada na mídia brasileira. E questionamos isso à luz da idéia de indivíduo fragmentado e do fator de exclusão de outras identidades não-hegemônicas. Neste escrito, analisamos mais enfaticamente publicações da revista gay A capa - que reforçam a imagem do gay branco, rico e com comportamento heteronormativo.

À luz da problematização “Que negro é esse na cultura negra?” feita por Stuart Hall, perguntamos: Que gay é na imprensa gay brasileira? Para tentar responder essa pergunta, utilizo das ideias da teoria *queer*. Essa perspectiva foi escolhida devido a sua crença num trânsito mais intensos das identidades, além do seu caráter crítico frente às normas que regulam o sexo e ao privilégio concedido à heterossexualidade compulsória na sociedade ocidental.

É caro a este trabalho também à questão do discurso e da representação. A ideia de representação trabalhada nesse texto é baseada num conceito pós-estruturalista

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Graduando do quinto semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É integrante do grupo de pesquisa Corpo e Cultura em que integra a linha Corpo e Política, orientado pelo Prof. Dr. Osmundo Pinho. Email: chip_soand@hotmail.com



defendido por Stuart Hall, Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva. Esses autores acreditam que representar é uma forma de atribuição de sentido. Além dessa perspectiva teórica, com base nos estudos de John Austin e Judith Butler, acreditamos que o discurso – e no caso desta pesquisa em especial, o discurso jornalístico – não apenas examina e descreve algo, mas também faz com que atitudes sejam tomadas.

Assim, por exemplo, a imagem do homossexual que é reproduzida e repetida várias vezes produz uma ideia homogeneizante desse grupo e gera um efeito *real* na sociedade. Além disso, é necessário que se faça um panorama da imprensa gay no Brasil. Isso é imprescindível para que haja uma comparação de como era abordado o homossexual antes e atualmente.

Doravante, serão esboçadas algumas notas conceituais que nortearão a análise do produto proposto por este escrito e que também servirão como baseadoras dos demais trabalhos do projeto de pesquisa supracitado.

IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: CONFLITOS SEXUAIS E IDENTITÁRIOS³

Falar em *imagens identitárias* é pensar em identidade. Para essa discussão são interessantes as discussões de Stuart Hall (2006) sobre os problemas de identidade. O teórico esmiúça as concepções de identidade desde o Iluminismo, passando pelo sujeito sociológico e, por fim, o indivíduo fragmentado da pós-modernidade.

Nesse último período, chega-se à concepção de indivíduo descentralizado – que desfruta de uma fluidez identitária maior que antes. Quando Hall afirma que “a identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (op. Cit., p. 13), ele atribui ao papel da representação uma função de também influenciar na formação de identidades e identificações.

Kathryn Woodward em *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* (2009) dá lugar à discussão que tange a identidade e a representação. Ela destaca o fato de que devemos focar a atenção no fato das identidades produzidas pelo sistema de representação. Segundo Woodward (2009, p. 17), “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos”. Nesse sentido, podemos pensar que os

³ Parte desse capítulo foi publicado no VI ENECULT - Encontro Multidisciplinar de Estudos em Cultura - e integra o artigo “Pet Sounds – as bichas na praia dos beach boys: A homossexualidade na telenovela *Três Irmãs*”



significados produzidos pela representação dão sentido àquilo que somos, pois vemos no que é mostrado uma imagem do que *sou* ou do que *não sou*. A autora sugere ainda que os sistemas simbólicos tornam possível o que podemos nos tornar.

Alçado nas discussões de Hall e Woodward, Tomaz Tadeu da Silva (2009) afirma que a representação é sempre uma *marca* ou *traço visível*, rebatendo a concepção de representação mental e interior. Assim, a expressão através da pintura, da fotografia, do filme, de um texto, de uma expressão falada pode também ser representação.

Silva traz um pensamento *mister* quando pensamos em sistemas simbólicos e relações de poderão afirmar que

a representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder. [...] Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. (SILVA, 2009, p. 91)

Diante disso, podemos pensar no regime de poder que é propagado com as representações e as narrativas que são proliferadas por meio de discurso. Esse pensamento de Silva nos remete aos estudos performativos de John Austin e à leitura da teórica queer Judith Butler de sua obra.

Austin desenvolve a teoria dos atos da fala baseado na ideia de que a linguagem não se limita somente a descrever situações, ações ou estados. Ao falar: “O teclado é preto” estamos enunciando algo, então, essa fala é *descritiva* ou *constatativa*. Mas, a fala não se limita somente a isso, ela também pode fazer com que alguma coisa seja executada. A esse tipo de proposição ou fala, Austin denomina “performativa”. Ao enunciar “Eu vos declaro marido e mulher” uma gama de valores e de atitudes são *faladas* juntamente com essa expressão. Após proferida, o casamento é *efetivado*. Aliado a essas categorias de descrição e efetivação, poderíamos também pensar em falas que descrevem, mas que altera de alguma forma o contexto enunciado. Ou seja, a repetição ritualizada de expressões descritivas pode acabar gerando um fato propriamente dito. Quando é dito: “Pedro parece uma *bicha!*”, a descrição pode gerar uma execução do fato. Ou seja, a nomeação de determinado grupo, reforça e define aquela identidade.

Nesse último contexto que a filósofa e teórica queer Judith Butler trabalha. Na sua *teoria da performatividade*, Butler se aproxima da questão do gênero e da sexualidade. Ela tenta explicar como a repetição ritualizada dos discursos e das normas forma sujeitos que são resultados dessas reiterações. A ideia é expandida para as pessoas que



transgridem as normas sociais quando a teórica afirma que quem não se encaixa dentro de modelos de sexualidade engendrados, enraizados e naturalizados pela sociedade, sofrem graves regulações. Mas, Butler (1999) diz que os corpos nunca se conformam completamente às normas regulatórias, e essa regulação se dá para que seja mantida a ordem sexual baseada na heteronormatividade.

A heteronormatividade é baseada nas expectativas e obrigações sociais advindas da ideia de que a heterossexualidade é natural, logo, o *fundamento da sociedade* (MISKOLCI, 2007). Já que obedece a uma lógica de regulação e controle, a heteronormatividade se estende até mesmo para indivíduos que não são heterossexuais. Como explicita Richard Miskolci (2007, p. 5)

As formas de definir a si mesmo de várias culturas sexuais não-hegemônicas seguem a heteronormatividade, o que é patente na díade ativo/passivo dos gays, a qual toma como referência a visão hegemônica sobre uma relação sexual reprodutiva para definir papéis/posições sexuais.

Nesse sentido, que se pode afirmar que o dispositivo atual da sexualidade está pautado na ideia de formar seres que formatem sua vida dentro de um modelo *naturalizado* de heterossexualidade.

Desse ponto, podemos voltar às discussões feitas anteriormente de representação e já relacionar com o tema aqui proposto das *imagens identitárias* em revistas gays. Como ressaltou Tomaz Tadeu da Silva, as representações são executadas por agentes sociais que atribuem sentido àquilo representado. Assim, é possível pensar que o gay representado nas revistas são criados mediante sistemas de significação e os leitores a cada dia que lêem a revista, podem se identificar com um modelo propagado por ela. Mas, a representação do homossexual engendrado pelas revistas não se limita só à sua sexualidade – já que o indivíduo, como já dito, tem agora várias identidades. Uma gama de valores de gênero, raça e classe social, por exemplo, estão imbutidas nessas representações.

Nesse sentido, é importante pensar “*Que gay é esse na revista gay brasileira?*” mas não só se limitando à questão da sexualidade. Será que um homossexual, negro, que tem ensino médio, de classe baixa é representado nas revistas gays brasileiras? Mas, outra pergunta seria necessária de ser feita: Será que um homossexual, negro, que tem ensino médio, de classe baixa *se identifica* ou *quer ser* como a representação de gay vista naquela revista? Mediante esses questionamentos temos um enfrentamento entre o gay desejado/idealizado/propagado e o gay desejante.



Ao levantar essas últimas questões, porém, pensamos em quem constrói essas imagens identitárias e em quais ideais elas estão construídas. Temos que pensar, então, como se deu esse processo de construção da imprensa gay no Brasil e quem está nas redações dessas revistas. Por isso, faz-se necessário um panorama da história dessa imprensa gay brasileira.

IMPRENSA GAY BRASILEIRA

A invisibilidade nos meios de comunicação, um espaço de liberdade de expressão, a busca de união de pessoas com os mesmo propósitos. Esses foram alguns dos motivos que fizeram emergir uma imprensa gay no Brasil. Nesse primeiro momento, o que se queria era a igualdade. O discurso da diferença entre os homossexuais era deixado em segundo plano – haja vista a vontade dos grupos e movimentos em constituir um país menos homofóbico e com uma inclusão dos não-heterossexuais. É nesse contexto que surge as primeiras publicações gays no Brasil nos anos 60.

James Green (2006, 1999) é um dos autores que mais relatam a questão da imprensa homossexual no Brasil. Ele refuta a ideia de que o Brasil é um país que aceitava à transgressão sexual – imagem que os opulentos carnavais cheios de *bichas* fazia transparecer, além, é claro, da ideia de que os países que estão ao sul do Equador são libertários e rendidos aos mais diversos prazeres. Quando trata da imprensa gay brasileira, Green ressalta que até os anos 60 poucas pessoas se ousavam a falar sobre seu cotidiano e sobre sua vida pessoal/sexual abertamente.

O snob é umas das primeiras publicações, se não a primeira, gay do Brasil. Ele surge em 1963 e era distribuído por amigos e conhecidos em alguns locais do Rio de Janeiro. O jornal foi fundado por Agildo Guimarães e para de circular em 1969 devido à repressão da ditadura militar. Segundo Green (2000, p. 298), inicialmente *O snob* era um jornalzinho mimeografado e depois ele tornou-se uma publicação com cerca de trinta a quarenta páginas. Suas páginas eram preenchidas por fofocas, contos, festas e bate-papos com travestis do momento.

Em 1977, surge o *Lampião da Esquina* jornal produzido por jornalistas, intelectuais e artistas. O jornal tinha como principal filão à crítica ao sistema vigente e ao moralismo visto no Brasil naquele período. Os editores conclamavam para um politização da comunicadade gay e lutavam por um país mais democrático e tolerante. O jornal visava criar uma nova identidade homossexual longe do glamour das festas e das fofocas do mundo gay. Nas últimas edições do *Lampião*, a pornografia começa a aparecer, o jornal



começa a se dedicar a publicar ensaios fotográficos homoeróticos e o discurso político muda. Em 1981, o jornal tem seu fim.

Com o fim do *Lampião* e uma imprensa gay basicamente voltada para a pornografia, o público fica sem opções de publicações voltadas para o assunto. A emergência da AIDS no início dos anos 80 fez renovar ou reforçar a homofobia na sociedade brasileira. Os homossexuais foram estigmatizados ao ter seu nome relacionado à doença, conhecida inicialmente como *câncer gay*. Com isso, passa-se a discutir não apenas a identidade sexual, mas também a prática sexual. No momento, não existia nenhuma publicação gay em especial que discutisse sobre o assunto de forma franca e clara.

Guacira Lopes Louro ao falar sobre o movimento homossexual brasileiro ressalta a intervenção da mídia no caso da AIDS no Brasil, se apropriando de uma fala interessante do José Silvério Trevisan – inclusive um dos autores de *Lampião*. Trevisan (*apud* LOURO, 2004, p. 36) afirma que

o vírus da AIDS realizou em alguns anos uma proeza que nem o mais bem-intencionado movimento pelos direitos homossexuais teria conseguido, em muitas décadas: deixar evidente à sociedade que homossexual existe e não é o *outro*, no sentido de um continente à parte, mas está muito próximo de qualquer cidadão comum, talvez ao meu lado e – isto é importante! - dentro de cada um de nós, pelo menos enquanto virtualidade.

Trevisan nessa fala esclarece um ponto-chave para a representação de homossexuais quando fala da questão da aproximação e uma *inclusão* desse homossexual na sociedade. Sua fala positiva a inclusão homossexual, mas deve-se ponderar que essa abertura da mídia nacional para não-heterossexual vai desembocar numa associação do gay com o sexo (apoiado no discurso do *aqueles da AIDS*) e com à simpatia pela virilidade homossexual, a partir do momento que o gay aidético mostrado na mídia tinha trejeitos e estéticas associados àquilo que foi convencionado com o feminino. Ou seja, se é o gay afeminado que tem AIDS, é preferível aquele homossexual viril e heterossexualizado – tão visto nas representações de gays na mídia atualmente.

Nesse contexto de discussões sobre a AIDS que em 1991 surge o *Nós por exemplo*. Segundo Rodrigues e Victorio Filho (2008), o jornal não teve impacto algum na sociedade, já que ele tratava das questões que envolvia a prática sexual e a saúde de gays e lésbicas – e isso era o que mais estava sendo falada naquele período. O *Nós por exemplo* deixa de ser publicado em 1995. Conforme os autores,

O surgimento do *Nós por Exemplo* veio preencher várias lacunas por representar a volta de um periódico direcionado à comunidade gay/lésbica, por se constituir em um veículo no qual a Aids pôde ser tratada de forma honesta e



segura, livre de cunho moralista e preconceituoso, e por garantir apoio e divulgação para o movimento homossexual brasileiro, à semelhança do que um dia o *Lampião da Esquina* fez para o iniciante movimento de organização da “minoría gay” até então sem uma mídia que lhe garantisse espaço de expressão. (RODRIGUES; VICTORIO FILHO, 2008, p. 4)

No cenário dos anos 90, os gays já têm uma visibilidade maior pela sociedade. Lugar proporcionado, como já dito, pelo surgimento e proliferação da AIDS. E é em 1995 que vai surgir uma revista que vem trazer uma nova proposta de *ser homossexual*, a *Sui Generis*. (doravante chamada de “SG”).

A *SG* trazia em sua linha editorial temas como cultura, moda, comportamento e entrevistas com famosos - não necessariamente homossexuais. A revista tentava homogeneizar a imagem de gay propagada pela publicação baseado na imagem do homossexual bem sucedido, fino, de bom gosto, rico. A *SG* foi a primeira revista direcionada ao público gay, já que as outras publicações anteriores tratavam-se de jornais.

“A revista vai usar e abusar da sensualidade dos corpos masculinos. Os assuntos são tratados com seriedade, mas a 'estética da beleza' vai estar sempre presente.” (RODRIGUES; VICTOR FILHO, 2008, p. 6). Se a revista tem essa tendência à “estética da beleza”, ela diz respeito àqueles que estão incluídos dentro de um padrão de beleza gay dominante – leia-se branco, jovem, sarado, de aparência máscula, de cabelos lisos. Vale ressaltar, que é esse o modelo de homossexual que será propagado em quase todas as revistas sucessoras à *SG*. Esse modo de representação vem sendo engendrado desde as revistas de pornografia homoerótica onde os corpos sarados e heterossexualizados dos modelos eram o centro das atenções nessas publicações.

Depois da *SG*, uma nova revista é lançada – e que se perpetua até hoje – a *G Magazine*. Esta publicação tem como carro-chefe ensaios fotográficos de nu em que modelos, jogadores de futebol e famosos estampam as páginas. Na fase inicial da *G* era notável o apelo erótico e pornográfico, mas, por exigência do público, a revista passou a ser mais sutil em seus ensaios, além de trazer reportagens e entrevistas de interesse geral.

A *G Magazine* ainda é uma das revistas mais populares dentro do cenário homossexual brasileiro. E, como as exigências do mercado gay que se formou no Brasil – que vem cada vez mais se intensificado – surgiram novas revistas. Entre elas, estão a *Junior* e a *DOM* – De Outro Modo. Ambas foram lançadas em 2007 e tem praticamente a mesma linha editorial. As duas publicações tem o objetivo de retratar o modelo de gay



contemporâneo inclinados para o culto ao corpo, a moda e a tudo aquilo que é *cult* e caro.

Junior traz em suas páginas o homossexual jovial, que gosta de espetáculos, shows, moda e, é claro, de fitness. Os homens representados em *Junior* têm corpo escultural, usam roupas de marcas consagradas como gay, são sensíveis – mas longe de uma afetação ou de uma aproximação com o feminino. Um indício dessa última caracterização citada é a publicação de histórias e crônicas homoafetivas românticas.

Na revista *DOM* a linha editorial é quase a mesma. A inserção de galãs e modelos heterossexuais em suas capas e matérias principais era vista constantemente. A revista também rejeita usar expressões da linguagem pertencente à homocultura. Além disso, o gay representado em *DOM* tinha fortes inclinações ao consumo. Como afirmam Santos e Veloso

através desse modelo de ser humano e aliando esse conceito ao teor das matérias que a revista aborda é possível encontrar um registro discursivo nas páginas de *DOM*: a imagem do homossexual moderno bem relacionado e bem sucedido, com poder alto aquisitivo e possuidor de uma identidade individual independente de qualquer estereótipo social. (SANTOS; VELOSO, 2009, p. 9)

Diante disso, é possível perceber a presença da heteronormatividade tanto na revista *Junior* quanto na revista *DOM* – porém, mais latente nessa última em que facilmente se poderia dizer que os gays são heterossexuais que tem sentimento e fazem sexo com outros homens.

QUE GAY É ESSE NA REVISTA GAY A CAPA?

A *capa* é uma revista gay que foi lançada em fevereiro de 2007. Sua linha editorial é marcada por matérias e reportagens que estejam relacionadas à cultura, sexo, saúde, comportamento e moda. Além disso, a revista traz na capa de suas edições modelos que exibem seus corpos em ensaios fotográficos sensuais. Ressaltamos, porém, que esses homens em sua grande maioria são heterossexuais e *anônimos* – ou não serem famosos. Esse último fator pode ser encarado como uma forma de o leitor dar vazão às suas fantasias – haja vista o *anonimato* daquele homem.

Em seu formato atual, a revista possui em média 44 páginas. Ela tem divulgação parcial no portal *A capa* e é distribuída gratuitamente em ambientes GLS de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e Florianópolis, mas também pode ser adquirida mediante assinatura.



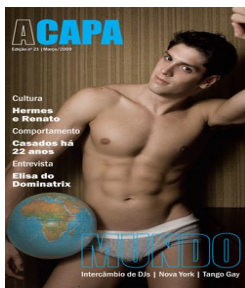
Como objeto de análise, verificaremos qual as imagens identitárias que a revista *A capa* propõe. E, nesse sentido, acho importante dialogar com alguns pensamentos sobre a homossexualidade.

Peter Fry e Edward McRae atentam para que se chama de homossexualidade um conjunto vasto e heterogêneo de práticas reunidas sobre a relação entre pessoas do mesmo sexo. Mas nem todas essas práticas são encaradas da mesma forma, nem todas as imagens que se têm da homossexualidade são pensadas, aceitas e interpretadas da mesma forma. (NASCIMENTO, 2004, p. 450).

Apropriamos-nos desse pensamento para discutir as fraturas que existem dentro dessa representação de gay que se tem nas revistas gays brasileiras e também embutidas em *A capa*. Apesar de ultimamente existir uma representação hegemônica heteronormativa quanto o comportamento e a sexualidade de homossexuais em publicações jornalísticas, bem como nas telenovelas (ver COLLING, 2007), é interessante que se pense também nas questões de raça, classe social e gênero. E, é nesse sentido, que agora, serão analisadas quatro capas e uma edição completa da revista *A capa* – prestando atenção no referencial simbólico incluído dentro dessas representações e narrativas.

A edição 21 de *A capa* trouxe como conteúdo uma entrevista com o criador de *Hermes e Renato* – personagens humorísticos populares no público jovem -, além da discussão sobre casamento gay e uma entrevista com Elisa do grupo *Dominatrix*, uma banda feminista brasileira. A revista trouxe o tema *Mundo* tratando de culturas gays em diversos lugares do mundo. O ensaio fotográfico da capa foi feito pelo modelo Gustavo Albanese.

Analisando mais a fundo a capa da publicação. Podemos perceber a imagem de um homem que está dentro dos padrões de beleza gay hegemônico. Observando os símbolos da capa, podemos inferir a questão da independência e do livre-arbítrio gay de poder “ter o mundo em suas mãos”. Essa imagem é bem aquilo o que a revista quer

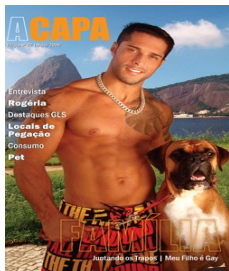


passar, a imagem do homossexual que é supremo de si e bem sucedido. Mas, é necessário perguntar qual o gay que de fato tem o mundo às suas mãos.



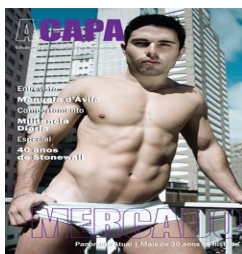
Na edição 22 de *A capa* o tema central é família. Nessa edição são abordados os novos modelos de família, incluindo gays e lésbicas que conseguiram adotar ou ter filhos. No ensaio fotográfico e na capa, o modelo Bruno Spinelli.

A virilidade e o corpo *perfeito* é o ponto forte destacado nessa capa. A imagem do cachorro juntamente com o seu suposto dono, apesar de estar rindo, nos transparece uma imagem de força, agressividade e até competição. É notável também, bem como na edição anterior o culto ao corpo forte e musculoso – uma tendência em *A capa*.



Sobre isso, é importante pensar que há uma associação da imagem do gay de capa da revista ao corpo perfeito. E é proposta também que essa é a identidade, o comportamento e a estética que o gay é, quer ser e/ou deseja. E essa identidade mostrada é pautada, sobretudo na heteronormatividade. Como será abordado mais tarde, na análise integral da revista, as fotografias e imagens utilizadas pela revista não condizem com a maneira pela qual linguisticamente e estilisticamente as matérias da revista são compostas.

Na edição 23 de *A capa* o tema proposto é mercado. No seu conteúdo a revista vai trazer um levantamento do mercado GLS no Brasil. Além disso, uma entrevista com a transexual Walkiria La Roche e também com a deputada federal, Manuela d'Ávila. Um especial sobre os 40 anos de Stonewall também é trazido com histórias que serviram como pano de fundo para o levante. Também foi publicada uma lista com dicas de



livros homoeróticos e, é claro, o ensaio fotográfico com o modelo Flávio Medeiros.

Na capa dessa edição, é dado um destaque também para o cenário que se passa na cidade de São Paulo. E como de costume, um modelo com corpo branco, musculoso. Nessa fotografia é possível também inferir-se que os gays estão ocupando também os



espaços de negócios. Mas, acreditamos que a exibição excessiva do corpo, anula a ideia da revista – já que é preciso que se mostre o corpo para que se esteja incluído num grande centro urbano e econômico como São Paulo.

Nas três capas analisadas até agora, é notável a exibição e culto ao corpo do modelo hegemônico de homossexual. As matérias que são trazidas sobre fitness, saúde e esporte nas páginas de *A capa* incitam seus leitores a uma disciplina que seria capaz de tornar seus corpos como aqueles das capas. Miskolci (2006, p. 683-684) afirma que

Uma identidade hegemônica não se estabelece sem um apelo e uma incitação à disciplina. No caso particular dos homens, desde o início da era contemporânea os exércitos e os esportes se encarregaram de criar identidades hegemônicas reconhecíveis em contornos físicos definidos. Guerreiro ou jogador, ambos incitam a conformação dos homens a um modelo de masculinidade dominador, agressivo e disciplinado, modelo que impõe limites corporais e identitários estreitos, pois se assenta em um duplo assujeitamento: corporal e subjetivo.

Constrói-se então não só um modelo de masculinidade hegemônico como também um modelo de gay hegemônico – baseado no triunfo dos músculos e da virilidade sobre as demais identidades e corpos possíveis. Esses valores acabam instalando uma representação de beleza, saúde, sucesso e inclusão. Por isso também que vemos um assimilacionismo, baseado na ideia do ou somos idênticos (no caso, aos heterossexuais) ou seremos fadados à *diferença* e à *anormalidade* (MISKOLCI, 2006).

Mas, é possível pensar também na questão da raça, do gênero e também quanto à representação dos gays em *A capa*. Referências generalistas e homogeneizantes das identidades são trazidas pela publicação e nas relações de gênero, classe, raça, etc., os graus de opressão são desiguais. A invisibilidade negra nas capas e na edição analisadas aqui, bem como o apelo à produtos que são destinados à classe alta, reforça a ideia do gay fino, rico, branco (e também heterossexualizado, como já dito). Ou seja, por trás de uma revista onde o principal foco são as questões que envolvem a sexualidade, uma gama de valores e imagens identitárias são evocadas. Idéia essa que nos faz retornar aos pontos tocados por Stuart Hall - das identidades fragmentadas - e também por Tomaz Tadeu da Silva (2009) quando ele afirma que a representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de alguém ou algum grupo.

Na edição 24, o tema de capa é “Queer”. Ironicamente depois de trazer corpos *hegemônicos* carregados de discursos heteronormativos, a revista traz um tema que tem como principal filão esse dispositivo de regulação do corpo, do sexo, da sexualidade e



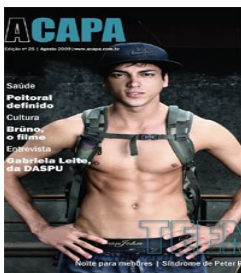
das relações sociais. Aliadas ao tema de capa, uma reportagem sobre go-go boys, uma entrevista com o editor de uma revista gay francesa, Gilles Wullu, uma reportagem sobre bandas queer e o ensaio fotográfico também foram incluídos. E uma matéria especial tratava sobre a inclusão de um jovem transexual na escola em que estudava.

O modelo dessa edição é o cantor Daniel Peixoto vocalista da banda Montage – que



simpatiza com o queer. A ideia de corpo queer que é proposta na capa está bem associada a ideia da androginia. Porém, a representação dessa *classe* – se assim podemos chamar – é difícil de ser feita, haja vista o seu caráter de confronto de identidades sexuais, sociais, etárias. A condição pós-identitária, de desfrutar da condição marginal, de contestação à heteronormatividade e ao movimento assimilacionista LGBT, de não gostar de algo harmônico, central e belo são alguns fatores que fazem com que a teoria/política/movimento/indivíduo queer seja quase impossível de ser representado. “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). A ideia de dar um novo significado à teoria parte da necessidade da positividade do termo e da adoção de uma política que se rebela frente as normas da sociedade. Butler nos diz que “queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58).

A edição 25 da revista será a partir de agora destrinchada. Tanto seu conteúdo visual quando seu conteúdo escrito. O tema dessa edição é Teen e o modelo que estampa *A capa* é Raiandrey Resende. No editorial desta publicação, intitulado “Adolescendo”, a linguagem utilizada é a de maior aproximação possível com o leitor gay – mas não os





leitores mostrado nas capas e sim aqueles que usam gírias do mundo GLS, gostam de balada e de moda. Os editoriais consistem na parte em que a opinião da revista é expressada. Nesta parte de *A capa*, é usado inclusive a palavra *puta* – que não é nunca vista em outros gêneros de revista, além do uso de uma expressão comumente utilizada nos cenários gays: “a gente tem ficado *passado*”.

Depois disso, há uma sessão de comentários feitos do site correspondente à revista. E, logo em seguida, uma página dedicada à volta as aulas. Nessa página, a revista ressalta que estilo é importante na hora de ir para faculdade e que a tecnologia tem que se fazer presente dentro da sala de aula. Entre os produtos sugeridos pela revista, estão uma mochila de R\$ 169, 00, uma caneta de R\$ 1.399,00 e um netbook de R\$ 1.899, 00. Nesse cenário, já temos mais duas marcações de identidade: uma que diz respeito à escolaridade e a outra de classe social.

Na sessão “Atitude” são trazidas fotos de homens na boate *Bubu Lounge* que fica em São Paulo. A galeria de fotos é intitulada “Top of the Sundays!”. Na página, 16 homens exibindo corpos musculosos e torneados são estampados e apenas um deles é negro.

O filme *Brüno* é o tema da matéria seguinte. O filme conta a história de um reporter gay *fashionista* que decide ir para os Estados Unidos ganhar a vida no *glamour*. Brüno é uma personagem fútil, consumista e que adora baladas e celebridades. Na matéria é comum o uso de expressões do cenário GLS e também algumas outras relacionadas ao *glamour* como “Atire a primeira bolsa da Louis Vitton quem não tem um amigo gay-fashionista assim.” Essa passagem é interessante de ser vista, inclusive, pois reflete bastante a linguagem utilizada pela *A capa*.

“Noiteen” é a matéria seguinte. Nessa reportagem o tema proposto pela edição já começa a ser trabalhado. O repórter Erik Galdino visitou uma boate onde jovens se encontram para dançar, namorar e conhecer novas pessoas. O ambiente não é exclusivamente gay, mas, muitos deles, segundo a matéria, costumam frequentar esse ambiente. Histórias de gays teens que já namoram são abordadas na matéria, mas esses relatos não são exclusivamente de homossexuais. Pela descrição da matéria, homossexuais e heterossexuais convivem bem nesse espaço.

Dando continuidade ao tema, “*Orgulho teen*” fala sobre grupo de convivência que ajudam jovens gays a se libertarem do preconceito e da exclusão social. Relatos de gays que encontraram no grupo o refúgio para sua libertação sexual e história de meninos que se mataram por causa do preconceito também são incluídas. E encerrando a sessão,



uma reportagem falando sobre a Síndrome de Peter Pan - transtorno que afeta a vida de adultos que se comportam como crianças ou adolescentes.

A forma como foi abordado o tema de capa da revista foi interessante, pois não se limitou apenas a ver o lado que foi convencionado como adolescente – o da festa, da diversão e da ebulição dos hormônios. A *capa* foi buscar histórias plurais e deu vazão àquilo que as revistas deveriam fazer que é privilegiar a pluralidade e a diversidade das fontes, das pessoas e das identidades mostradas.

Em compensação e após isso, vem o ensaio fotográfico intitulado “Sexy boy”. O repórter que escreve o texto do ensaio ressalta que o modelo “até de skate andou”, além de ressaltar o seu “lado moleque”. Calçando um tênis da marca Dolce & Gabbana, usando bone da Nike, cueca da Sean John e utilizando uma mochila muito semelhante à mostra na sessão “Volta às aulas”, o modelo é fotografado fazendo poses que variam da força e da virilidade para a sensualidade mais juvenil. É reforçado novamente o ideal de homem com corpo sarado e, é claro, a beleza da jovialidade – que todos os homens supostamente deveriam ter.

Uma entrevista com Gabriela Leite – uma ex-prostituta que tinha acabado de lançar um livro – é trazida nas páginas 30, 31 e 32 de *A capa*. Os temas abordados foram os mais diversos possíveis e a entrevistada ressaltou que, assim como as prostitutas que tem se valorizado, os gays deveriam se auto-afirmar, apesar de reconhecer que é mais difícil se assumir gay do que prostituta. Leite afirma gostar das Paradas do Orgulho Gay e diz apoiar a causa. A entrevista com um famoso ou com alguém que acabou de lançar um filme ou livro é constante nas edições de *A capa*. Isso revela a sua linha editorial voltada também para a produção da cultura. O que é preciso ser observado é de quem são os livros lançados e do que tratam. Muitas vezes o tema diz respeito a sexualidade – nesse caso, em especial, o livro de Gabriela Leite trata de sua vida na prostituição.

“Cultivando músculos” é a matéria incluída na sessão *saúde*. Na matéria a repórter Thais Martins fala como é possível tem um bonito peitoral definido sem usar drogas e anabolizantes. A matéria começa logo com a pergunta: “Nos dias atuais, quem não se preocupa com a aparência física?” Essa pergunta remonta logo à ideia das primeiras capas analisadas além da foto de um homem rasgando a camisa e exibindo o seu peitoral na página da matéria. Ou seja, se não se tem o corpo das capas, a sessão “Saúde” ensina a ter.



Por fim, é trazida a sessão “Achados” - com produtos musicais, roupas e filmes. Na lista, tênis da Reebok, filme *Veronika decide morrer* e o CD da banda *Múm*, estão entre os produtos sugeridos.

A partir do que foi exposto, percebemos a multiplicidade de temas que a revista *A capa* traz em suas páginas. É legítima a vontade de falar sobre homossexualidades. A forma de se aproximar da linguagem utilizado na comunidade não-heterossexual também já consiste numa transgressão significativa. Só que observamos que o discurso verbal e a vontade de respeitar a diversidade da revista, não se consolida quando o assunto é representação de imagens identitárias.

Os corpos estampados na revista *A capa* estão cobertos por um ideal de jovialidade, beleza, masculinidade – reforçando a ideia da representação do viril. Há uma certa rejeição da homossexualidade nas capas das revistas, com exceção da edição 24 (mas que não deixa de trazer um branco, com acessórios caros, por exemplo). Isso gera uma rejeição dos homossexuais que se identificam com uma estética e uma gestualidade mais relacionada àquilo que foi convencionado com o feminino. É constatado uma propagação de uma hegemônica não só heterossexista como também masculina, mediante a associação do belo e do desejado ao masculino.

A imagem de gay produzida por *A capa* revela uma norma. Sobre *norma* adotamos o conceito dado por Judith Butler quando ela ressalta que

uma norma não é o mesmo que uma regra e tampouco é o mesmo que uma lei. Uma norma opera dentro das práticas sociais como o estandarte *implícito* da normalização. (...) As normas podem ser explícitas, sem dúvida, quando funcionam como o princípio normalizador da prática social, mas em geral permanecem implícitas, são difíceis de ler, os efeitos que produzem são a forma mais clara e dramática mediante a qual se podem discernir (BUTLER 2006, p. 69) (grifo nosso).

Portanto, poderíamos afirmar que o corpo estandardizado pelas revistas gays homogenizam e normatizam, mesmo que *implicitamente* a corpos e imagem identitária dos homossexuais.

Além das imagens de gay belo, os ideias de raça, classe social, escolaridade e idade também são trazidos na publicação. É invisível o corpo, negro, o corpo das ditas *bichas pão com ovo*, dos velhos, dos gordos, e uma série de fraturas que poderíamos citar aqui. Então, o que seriam esses corpos para *A capa*? *Corpos abjetos*? Esses corpos são aqueles que a própria humanidade é negada. “Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não



importante”. (PRINS e MEIJER, 2002, p.161). Ou seja, determinados sujeitos são excluídos da existência social. Mas, não podemos cair no reducionismo de que se não tem abordagem e espaço numa revista não está incluído na *existência social*. Porém, é necessário atentar para o fato de que a imprensa também ajuda na construção da sociedade e também propaga representações que ajudam as pessoas a terem um referencial de quem elas sejam.

Nesse contexto, é necessário pensar numa mídia gay mais diversa em que a imagem do homossexual não seja associado somente aos corpos masculinos, brancos, cheios de vigor, heterossexualizado - mas que dê espaço a outras possíveis sexualidades, classes sociais, gênero, escolaridade, idade, condição física, etc.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam:** sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, Judith. **Deshacer el gênero.** Barcelona: Paidós, 2006.

COLLING, Leandro. **Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo:** criminosos, afetados e heterossexualizados. Revista Gênero, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007, Niterói: EDUFF, p 207-222.

GREEN, James. **Além do carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GREEN, James. **Frescos trópicos:** fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870 – 1980). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autentica, 2004

MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a questão das diferenças.** In: 16 Congresso de Leitura do Brasil. (COLE), 2007, Campinas. No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007. v. p. 1-19. Disponível em <www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acessado em: 25 de novembro de 2009.



MISKOLCI, Richar. **Corpos elétricos: Do assujeitamento à estética da existência.** Revista Estudos Feministas. v. 14. p. 681-693, 2006. Disponível em <www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a06v14n3.pdf>. Acessado em: 25 de novembro de 2009.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Identidades – notas para uma discussão.** In: LOPES, Denilson; BENTO, Berenice; ABOUD, Sérgio; GARCIA, Wilton. (orgs.). Imagem e diversidade sexual. Estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa edições, 2004, p 447-452.

PRINS, Baukje, MEIJER, Irene Costera. **Como os corpos se tornam matéria:** entrevista com Judith Butler. In: Revista Estudos Feministas. Volume 10, número 1, Florianópolis, janeiro de 2002, pp. 155-167.

RODRIGUES, José Luís Pinto; VICTORIO FILHO, Aldo. **Repaginando identidades – o caminho da imprensa gay nacional.** Disponível em <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Rodrigues_Filho_46.pdf> . Acessado em 20 de novembro de 2009.

SANTOS, Joseylson Fagner dos Santos; VELOSO, Maria do Socorro Futado. **Corpo e Sentimento – 46 de imprensa gay no Brasil.** Disponível em <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0286-1.pdf>. Acessado em 19 de novembro de 2009.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução: uma introdução conceitual. In. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. (org.) Tomaz Tadeu da Silva. 9ª edição. Petrópolis, : Vozes, 2009.